

VOZES DIVERSAS  
DIFERENTES SABERES



SALÃO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
XXX SIC

15 A 19  
OUTUBRO  
CAMPUS DO VALE

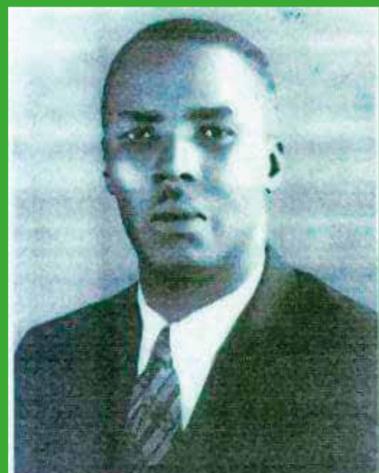


# HISTORICIDADE DOS CANDOMBLÉS DE ORIGEM BANTU NO BRASIL NO SÉCULO XX

**Autor: Aislan Rodrigues**

**Orientador: José Rivair Macedo**

No século XIX, Nina Rodrigues realizou estudos sobre os afro-brasileiros e, seguindo a onda de “Darwinismo social” da época, cometeu vários erros ao classificar a cultura dos bantu (bantos) inferior à iorubana. Arthur Ramos, Edson Carneiro e tantos outros seguiram essa mesma linha de pensamento, dizendo que os bantu não possuíam línguas, deuses e ritos próprios, e provocaram dentro do meio religioso um preconceito aos “angoleiros” (como são chamados os praticantes dos candomblés bantu) e uma hegemonia iorubá. Esse preconceito acintoso fez com que muitos, numa tentativa de ascensão, migrassem para as outras nações de candomblé, visto que aos olhos de doutores, sua religião era inferior à dos iorubás. A análise vai além da historicidade, pois a academia foi responsável por uma mudança e uma reestruturação dos terreiros - uma busca por identidade e a segregação das chamadas 'nações de candomblé' (Ketu, Jeje, Jeje-Mahi, Angola, Angola Muxikongo, Angola-Kongo).



Manoel Bernardino da Paixão  
(Tata Ampumandezu)  
Autor desconhecido | Década de 1920

## OBJETIVOS

Analisar como o candomblé de origem bantu foi visto pela academia através do século XX;

Identificar a irresponsabilidade da academia ao fazer afirmações sobre um grupo que não podia ser representado por ela;

Averiguar a resposta dos religiosos a esses preconceitos e a 'busca de identidade' nos terreiros de origem bantu.

## METODOLOGIA

Primeiramente, é feita uma análise bibliográfica, onde se identifica os livros e trabalhos publicados ao longo do século XX sobre a temática. Nesse primeiro momento, é destacado a maneira como os cultos de origem bantu eram vistos no início do século (como um culto de degenerados, inferiores), seguido da percepção da academia no erro que cometera (desde o final da década de quarenta até o fim do século) e a mudança no pensamento e da análise historiográfica que é feita a partir de então.

Sobre os autores, Nina Rodrigues descreve a hegemonia nagô, defende o 'purismo' das casas do culto nagô e explana a inferioridade de certos grupos étnicos (bantu). Arthur Ramos em uma de suas obras fala que “sobrevivências religiosas e mágicas de origens bantu existiam deturpadas e transformadas”. Em Religiões Negras, de Edison Carneiro, ele relata que a mitologia bantu era “pobre”, e Pierre Verger atribui o sucesso nagô à “chegada recente e maciça desse povo” (1987, p. 10).

Na mudança de pensamento da academia, autores como Henfrey (1981), Dantas (1982, 1988), Fry (1982), Frigerio (1983), Brown e Bick (1987) e Wafer Santana (1990) descartam o purismo e defendem que se estas religiões tivessem qualquer coisa de puras, seria o fato de serem puramente brasileiras.

Na segunda parte, é feita uma pesquisa de campo em terreiros de origem bantu em outros estados, para a coleta de fontes orais sobre como essa mudança de pensamento ao longo do século passado foi transformando o Candomblé. Os terreiros até então visitados foram: Terreiro Estrela do Oriente (Guaíba - RS) - Manzo Nonoxi Bikumbi diá Tunda, Terreiro de Jauá (Camaçari - BA) - Manzo Kilembekweta Lemba Furaman, Terreiro do Bate-Folha (Salvador - BA, vale salientar que esse é o primeiro terreiro de Angola-Muxikongo fundado na Bahia, comemorando seu centenário em 2016) - Manzo Bantu Kuen Kué, Terreiro Unsaba Mulendi (Rio de Janeiro - RJ), Terreiro do Poderoso Machado (Guaíba - RS) - Inzo Kialundazi, Fazenda de Nzazi (Subaúma - BA).

Principais Bibliografias:

- Nina Rodrigues. Os africanos no Brasil - 1932
- Edson Carneiro - Religiões negras - 1936
- Edson Carneiro - Negros bantos - 1937
- Arthur Ramos - O negro brasileiro - 1940
- Ruth Landes - City of women - 1947
- Roger Bastide - O Candomblé da Bahia - 1958



Assentamento de Kitembu - Terreiro de Jauá  
Foto: Aislan Rodrigues | Ano: 2018



Assentamento de Nkisi - Terreiro do Bate-Folha  
Foto: Aislan Rodrigues | Ano: 2018



Fachada Terreiro de Jauá  
Foto: Aislan Rodrigues | Ano: 2016